



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Reedição, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A.

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## NOTAS &amp; COMENTÁRIOS

## Um ministério de incompetentes

## O governo cai. Paz à sua alma!

Não confiamos em governo algum porque sabemos que dum engrenagem social defeituosa, como é a sociedade capitalista, não pode vir um só governo bom, que governe ao conteúdo de todos. O governo bom é uma utopia que só existe na mente de alguns republicanos. O governo mau é a realidade, constantemente confirmada. De mau para cima não há: existe apenas o pior. O governo Granjo é dos piores, porque é formado por incompetentes, porque o presidente é um homem que não lia suas palavras à ação.

E, como os outros, um governo de prometimentos. Tem prometido mais do que os antecedentes e, por este mesmo motivo, é pior do que os outros governos maus, porque falta muito mais aos seus prometimentos. Na situação difícil em que actualmente a política se encontra perante a questão social, é muito perigoso prometer, porque já todos sabem que as promessas serão cumpridas. O governo actualmente deve limitar-se a proceder com prudência, evitando conflitos e violências, porque cada violência, cada conflito, cada passo em falso que um governo burguês dê, é uma grande propaganda contra a sociedade capitalista. O interesse dos governantes está, pois, em não irritar contra si a opinião pública.

O governo já não encontram no novo uma opinião favorável, consistente.

O povo é formado por quem trabalha e os trabalhadores estão desiludidos do regime político e económico que os governantes defendem. Um governo que queria viver numa paz relativa, prolongando assim a débil existência do Estado burguês, tem que coagir muito bem os desejos do povo, as necessidades dos trabalhadores, as tendências políticas e económicas da época, a fim de, com mestria, ir atendendo aos conflitos inevitáveis que se dão de dar (cada vez com mais frequência) entre o Capital e o Trabalho.

O governo Granjo é composto de ignorantes. Nada sabe, nada conhece e, por isso, caminha às apalpadelas, em vez de suavizar questões — irrita-as.

Tanto pior para ele. A sua ignorância ditará a sua queda.

**Que fez o governo para atenuar a miséria do país?**

Situação verdadeiramente miserável é esta em que o país se encontra. A crise gera a revolta. Lógico seria, portanto, que o governo tentasse evitar esta revolta. Como evitá-la? Atacando as suas causas: obrigando os produtores a cultivar a terra e a entregar a terra aos trabalhadores rurais, caso a quizesse cultivar; evitando o embarcamento, desenvolvendo as indústrias nacionais, não deixando as minas de carvão de que recentemente se tem falado, etc., etc.,

O direito à greve também o sr. Granjo o quisofamar por meio dum decreto acerca qual as classes marítimas se opunham fortemente.

**A forma porque o governo tratou a greve ferroviária não o acreditou.**

Os operários não são um rengimento assoldado a quem se dêem vozes de comando; e não podem ser tratados fora da lei, como criminosos ou malfeitos.

As vezes, mesmo, como aconteceu com a greve ferroviária, os governos negam-se a conhecer os assuntos. Tem-se ali a maior a força pública como suprimento argumento, e entende-se que, enquanto houver confiança na tropa, tudo vai bem no inacessível, pobre dele...

**A onda que**

Os trabalhos do Congresso da Federação Técnica italiana acabaram de encerrar-se. Do que lá se ventilou não temos ainda nota circunstanciada, nem isso interessaria muito aos leitores, pois se trata dum reunião em que os principais pontos discutidos foram de natureza corporativa. Achamos todavia conveniente falar no assunto para salientar o incremento tomado pela Federação nos últimos anos. O número dos federados aumentou, de há oito anos a esta parte, na proporção com que um galego apanha moscas com a mão...

Criticámos a questão do pão e a liberdade de comércio, a qual, afirma que é a liberdade de roubar, estabelecendo este ditame: *Em nome da fome compra-se não puderes comprar, rouba, assalta...*

Diz mais que os ministros, quando se sentam nas cadeiras do poder começam a legislar à tona. Se fosse governo, afirma que se opunha contra as greves, mas também, quando visse que elas eram o produto de erros do governo, as resolveria como fôsse de justiça, dando a cada um o necessário à vida. Certos actos, acrescenta o orador, ainda os mais criminosos, podem ser justos; e assim, as greves que tem surgido, são mais do que justas, pois são o fruto da liberdade de comércio e das medidas do governo, sendo o sr. Granjo o principal gencivulor. Da greve ferroviária, acrescenta o orador, pode tirar-se uma alta lição. Combate o aumento de tarifas, que diz ser ilegal, por ter sido feito afora da lei e ainda porque pode ser a ruina das empresas.

Nesta altura, como o sr. Granjo andasse a passear na sala, o orador pede-lhe que vá para o seu lugar; ao que

Nada disto fez o governo, porque o sabia fazer, porque é incompetente, para romper com os assentamentos, comerciantes e lavradores criminosos, porque melhor se sente na comuna dos exploradores do povo, porque são mais intimas, mais cordiais, as discussões do governo com os ricos, que custa ao povo se banqueteiam.

Por isso as *forças-vivas*, os comerciantes, todos aqueles que tem alguma relação do stôr do povo a conservar, conservadores, deram o seu apoio ao governo, quando este pensou em ensinar o proletariado. O governo vive das apóios dos exploradores do povo, o governo é um serventário subtil dos inimigos do povo; o governo é uma agente da Finanças da Lavoura.

Assim, com um apoio do governo, o comércio ia estoirando de alegria ao que podia vender os seus gêneros e preços infinitamente caros. O governo Granjo foi duma amabilidade subtil para com os seus amigos capitalistas — decretou o comércio livre, o decreto é um instrumento de roubo, é um instrumento de roubo, é uma gaza, um pé de cabra com os arrombâns as algibeiras do povo,

temos, pois, azeite a 5000, arroz a 50, batatas a \$40, açúcar a 3 e 400, milho sucessivamente.

Portem, a opinião pública foi, como é lógico, adversa a um roubo tanto escravo, não podia mesmo o povo, em saber de se arrumar, adquirir o necessário para viver. Então o sr. Granjo não quer reconhecer aos operários o direito ao aumento de salário, comecou-o vai reconhecer ao comércio o direito ao roubo, afirmado assim a existência da carestia da vida, quando essa carestia, vai tabelar os preços por preços muito superiores da tabela elaborada pelo governo eleito coronel Baptista.

A beira obra do governo António João. Como ele contradiz as antigas obras do presidente de ministério, o governo cairá porque não tem força para continuar no poder.

**Ignorância acerca da questão social — Quando a inteligência não chega, apela-se para as espingardas**

Na sua reunião de ontem ocupou-se de diversos assuntos e tomou conhecimento de um ofício do sindicato dos Impressores Tipográficos, que baixa ao Conselho. A Comissão Administrativa ocupou-se demoradamente da greve do pessoal do município e tomou conhecimento das *demandes* realizadas pela sua comissão delegada, junto da Comissão Executiva da Câmara e do presidente do ministério, congratulando-se este organismo com a atitude seguida por essa classe na defesa da sua situação económica. Resolveu-se que a comissão prossegue o mesmo conflito como consta da nota que ao assunto se refere e que vem publicada na respectiva secção.

Esperamos poder dar amanhã informações mais detalhadas.

**Uma catástrofe**

Abateu uma fábrica, ficando muitos operários soterrados

LONDRES, 19.—Dizem de Milão que uma grande manufatura em Affori abateu, soterrando muitos operários. Até agora já se desenteraram oito corpos, mas supõe-se que haverá mais mortos.

O Conselho de Delegados reúne amanhã, pelas 20 horas.

**C. G. T.**

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Confederal.

**União dos Sindicatos Operários**

Comissão Administrativa

Na sua reunião de ontem ocupou-se de diversos assuntos e tomou conhecimento de um ofício do sindicato dos Impressores Tipográficos, que baixa ao Conselho. A Comissão Administrativa ocupou-se demoradamente da greve do pessoal do município e tomou conhecimento das *demandes* realizadas pela sua comissão delegada, junto da Comissão Executiva da Câmara e do presidente do ministério, congratulando-se este organismo com a atitude seguida por essa classe na defesa da sua situação económica. Resolveu-se que a comissão prossegue o mesmo conflito como consta da nota que ao assunto se refere e que vem publicada na respectiva secção.

Esperamos poder dar amanhã informações mais detalhadas.

**Uma catástrofe**

Abateu uma fábrica, ficando muitos operários soterrados

LONDRES, 19.—Dizem de Milão que uma grande manufatura em Affori abateu, soterrando muitos operários. Até agora já se desenteraram oito corpos, mas supõe-se que haverá mais mortos.

Estas previsões baseiam-se na experiência da greve geral de 1912, assim

assim o fazemos constar.

**Uma infâmia**

Manuel Ribeiro condenado preso. É uma infâmia. O sr. Granjo sabe dela.

Consente, cala-se. Sanciona com o seu silêncio, se é que não ordenou com o seu rancor, esta arbitrariedade revoltante. Manuel Ribeiro não tem culpas. Não cometeu crime algum. Nem sequer infringiu a lei. Estava — vocês conhecem os factos — estavam na tipografia onde o seu jornal é impresso. Entrou por ali dentro um bando de tunantes, que ao depois se veio a saber serem agentes da lei. Muita honra para o sr. Granjo... Os mariolas, armados em omnipotentes ditadores, impedem a saída do jornal, acercam-se das fôrmas prestes a entrar na máquina de impressão, levam o cabecinho, e empastelam, no seu selvático desgarramento, um bocado da primeira página. Manuel Ribeiro, presente. Não lhe consentiu o ânimo assistir, sem um protesto, ao vandalismo. Brrotaram-lhe da alma umas frases indignadas. Os mafarracos do sr. Granjo prantaram-lhe as patas em riba.

Manuel Ribeiro amava bem o seu jornal. E a él, que é sossegado e correcto, a ele, que sendo um revolucionário não é um desordeiro, a él, que é que estes dois termos não são sinônimos, a él, que estava presente, magoou-o até ao íntimo da alma aquela profanação brutal dos scelerados. O que ele disse não ouvimos nós. Mas calmos. Dizia o que qualquer de nós diria se em circunstâncias idênticas se encontrasse. Uma coisa garantimos por: é a justiça absoluta e a absoluta elevação das apreciações feitas por Manuel Ribeiro aos actos revoltantes que estava sendo testemunha.

Manuel Ribeiro é incapaz de igualar-se, quer nas palavras quer nos gestos, aos rávidos que o prenderam. O certo é que o levaram. Para onde? Esteve na esquadra de Santa Marta. Transferiram-no ontem para as Mónicas. Incomunicável sempre. Incomunicável há seis dias, sem culpas nem delitos. Uma grande infâmia e uma grande ilegalidade.

Podia este procedimento estar sanctioned na lei que nem por isso deixaria de ser infâmia. Mas não. É ilegal também. E o sr. Granjo, que sabe bem do caso, adopta uma atitude de cúmplice. Entre a selvajaria dum esbirro e a dignidade dum homem inteligente, o sr. Granjo apega-se ao primeiro. Talvez porque a apreciação da inteligência é inacessível, pobre dele...

O nosso camarada de redacção Mário Domingues, por ter escrito as suas opiniões acerca do atentado Felix Horst, sofreu dois dias de cadeia; o director do *Tempo* também foi preso há poucas semanas; Carlos Rates, da *Patria* detido, sem saber porque motivo, e, ultimamente, Manuel Ribeiro, redactor da *Bandarra Vermelha*, é atirado para o fundo dum enxova, onde o conserva incógnito. As suas liberdades usaram alguns jornais, exatamente como o sr. António Granjo deu-se a aprovar para, em Agosto de 1919, atacar rudemente o governo Sá Cardoso. Porém, o sr. Granjo que naquela época gosou, como lhe aprouve, essa liberdade, não quer agora, presidente de ministério, conferir aos outros

que estava sendo testemunha.

Manuel Ribeiro é incapaz de igualar-se, quer nas palavras quer nos gestos, aos rávidos que o prenderam. O certo é que o levaram. Para onde? Esteve na esquadra de Santa Marta. Transferiram-no ontem para as Mónicas. Incomunicável sempre. Incomunicável há seis dias, sem culpas nem delitos. Uma grande infâmia e uma grande ilegalidade.

Podia este procedimento estar sanctioned na lei que nem por isso deixaria de ser infâmia. Mas não. É ilegal também. E o sr. Granjo, que sabe bem do caso, adopta uma atitude de cúmplice. Entre a selvajaria dum esbirro e a dignidade dum homem inteligente, o sr. Granjo apega-se ao primeiro. Talvez porque a apreciação da inteligência é inacessível, pobre dele...

O nosso camarada de redacção Mário Domingues, por ter escrito as suas opiniões acerca do atentado Felix Horst, sofreu dois dias de cadeia; o director do *Tempo* também foi preso há poucas semanas; Carlos Rates, da *Patria* detido, sem saber porque motivo, e, ultimamente, Manuel Ribeiro, redactor da *Bandarra Vermelha*, é atirado para o fundo dum enxova, onde o conserva incógnito. As suas liberdades usaram alguns jornais, exatamente como o sr. António Granjo deu-se a aprovar para, em Agosto de 1919, atacar rudemente o governo Sá Cardoso. Porém, o sr. Granjo que naquela época gosou, como lhe aprouve, essa liberdade, não quer agora, presidente de ministério, conferir aos outros

que estava sendo testemunha.

Manuel Ribeiro é incapaz de igualar-se, quer nas palavras quer nos gestos, aos rávidos que o prenderam. O certo é que o levaram. Para onde? Esteve na esquadra de Santa Marta. Transferiram-no ontem para as Mónicas. Incomunicável sempre. Incomunicável há seis dias, sem culpas nem delitos. Uma grande infâmia e uma grande ilegalidade.

Podia este procedimento estar sanctioned na lei que nem por isso deixaria de ser infâmia. Mas não. É ilegal também. E o sr. Granjo, que sabe bem do caso, adopta uma atitude de cúmplice. Entre a selvajaria dum esbirro e a dignidade dum homem inteligente, o sr. Granjo apega-se ao primeiro. Talvez porque a apreciação da inteligência é inacessível, pobre dele...

O nosso camarada de redacção Mário Domingues, por ter escrito as suas opiniões acerca do atentado Felix Horst, sofreu dois dias de cadeia; o director do *Tempo* também foi preso há poucas semanas; Carlos Rates, da *Patria* detido, sem saber porque motivo, e, ultimamente, Manuel Ribeiro, redactor da *Bandarra Vermelha*, é atirado para o fundo dum enxova, onde o conserva incógnito. As suas liberdades usaram alguns jornais, exatamente como o sr. António Granjo deu-se a aprovar para, em Agosto de 1919, atacar rudemente o governo Sá Cardoso. Porém, o sr. Granjo que naquela época gosou, como lhe aprouve, essa liberdade, não quer agora, presidente de ministério, conferir aos outros

que estava sendo testemunha.

Manuel Ribeiro é incapaz de igualar-se, quer nas palavras quer nos gestos, aos rávidos que o prenderam. O certo é que o levaram. Para onde? Esteve na esquadra de Santa Marta. Transferiram-no ontem para as Mónicas. Incomunicável sempre. Incomunicável há seis dias, sem culpas nem delitos. Uma grande infâmia e uma grande ilegalidade.

Podia este procedimento estar sanctioned na lei que nem por isso deixaria de ser infâmia. Mas não. É ilegal também. E o sr. Granjo, que sabe bem do caso, adopta uma atitude de cúmplice. Entre a selvajaria dum esbirro e a dignidade dum homem inteligente, o sr. Granjo apega-se ao primeiro. Talvez porque a apreciação da inteligência é inacessível, pobre dele...

O nosso camarada de redacção Mário Domingues, por ter escrito as suas opiniões acerca do atentado Felix Horst, sofreu dois dias de cadeia; o director do *Tempo* também foi preso há poucas semanas; Carlos Rates, da *Patria* detido, sem saber porque motivo, e, ultimamente, Manuel Ribeiro, redactor da *Bandarra Vermelha*, é atirado para o fundo dum enxova, onde o conserva incógnito. As suas liberdades usaram alguns jornais, exatamente como o sr. António Granjo deu-se a aprovar para, em Agosto de 1919, atacar rudemente o governo Sá Cardoso. Porém, o sr. Granjo que naquela época gosou, como lhe aprouve, essa liberdade, não quer agora, presidente de ministério, conferir aos outros

que estava sendo testemunha.

Manuel Ribeiro é incapaz de igualar-se, quer nas palavras quer nos gestos, aos rávidos que o prenderam. O certo é que o levaram. Para onde? Esteve na esquadra de Santa Marta. Transferiram-no ontem para as Mónicas. Incomunicável sempre. Incomunicável há seis dias, sem culpas nem delitos. Uma grande infâmia e uma grande ilegalidade.

Podia este procedimento estar sanctioned na lei que nem por isso deixaria de ser infâmia. Mas não. É ilegal também. E o sr. Granjo, que sabe bem do caso, adopta uma atitude de cúmplice. Entre a selvajaria dum esbirro e a dignidade dum homem inteligente, o sr. Granjo apega-se ao primeiro. Talvez porque a apreciação da inteligência é inacessível, pobre dele...

O nosso camarada de redacção Mário Domingues, por ter escrito as suas opiniões acerca do atentado Felix Horst, sofreu dois dias de cadeia; o director do *Tempo* também foi preso há poucas semanas; Carlos Rates, da *Patria* detido, sem saber porque motivo, e, ultimamente, Manuel Ribeiro, redactor da <i

# MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte.....	14.521\$04
Francisco Sloy.....	\$50
Filipe Nery.....	1\$00
Alfredo T. Almeida.....	\$40
Luis Pereira Roque.....	\$50
Jaimo Gonçalves.....	1\$00
Um trabalhador.....	1\$00
Associação dos Corticeiros do Barreiro.....	5\$00
Luis C. Vieira.....	\$20
Quete aberta entre os Descarregadores do Porto - Contribuintes:	2\$00
Um insurrecto.....	\$50
Eduardo Luís.....	\$50
Alberto Silva.....	\$50
António Pinto Raimundo.....	\$50
Perfeito Gil Sanches.....	\$50
Manuel Borriero.....	\$50
Roberto de Barros.....	\$50
António Pereira.....	\$50
António Monteiro.....	\$50
António Dias.....	\$50
Joaquim da Rocha.....	\$50
Afonso Luís.....	\$50
Manuel Luís da Cunha.....	\$50
José Gomes.....	\$50
Joaquim Ferreira Dias.....	\$45
Miguel Correa.....	\$20
José Pereira da Silva.....	\$20
João de Magalhães.....	\$20
Martinho Ferreira.....	\$20
Tomás Teixeira.....	\$10
Manuel Rodrigues Mendes.....	\$30
Rodrigo de Macedo.....	\$50
António Pereira.....	\$10
João Domingos de Sousa.....	\$10
Manuel Moreira.....	\$20
António João G. Pimenta.....	\$20
Inácio Cerdeira.....	\$20
André Mata.....	\$20
Manuel Pereira.....	\$20
José António de Almeida.....	\$50
Hector Marques.....	\$50
Manuel Almeida Maia.....	\$20
José de Almeida.....	\$40
António Pinto.....	\$10
José Ferreira.....	\$10
Luis Adegas.....	\$20
Fortunato Mendes.....	\$50
Domingos Rodrigues.....	\$50
J. Soares e A. Matos.....	\$10
José Gonçalves.....	\$20
Miguel Pereira.....	\$55
Francisco Paiva.....	\$15
Joaquim M. Duarte.....	\$36
Inácio P. Monteiro.....	\$32
Ricardo Lespe.....	\$20
Ribeiro.....	\$20
Manuel S. Gomes.....	\$50
Raul A. Loureiro.....	\$30
Joaquim Maria.....	\$10
Manuel do Nascimento.....	\$20
Manuel de Oliveira.....	\$25
Joaquim Silva.....	\$10
António Bernardo.....	\$20
Rodrigo P. Carvalho.....	\$20
António P. Viana.....	\$50
José Ricardo.....	\$10
Rafael Jorge.....	\$50
António Teixeira.....	\$50
António Fernando Exposto.....	\$100
Um revoltado.....	\$17
A transportar.....	14.565\$64
A transportar.....	14.565\$64

## Situação intolerável

Não pode ser. Não podemos consentir com o nosso silêncio a infame roubaheira que se está exercendo a pretexto de comércio livre.

O operariado, sentindo a fome no seu lar, reclama aumento de salário para fazer face à desmedida ganância do comércio e o governo do sr. Granjo responde e ameaça tudo com a militarização. Listão militarizado os caminhos de ferro os transportes marítimos, por toda a parte se topa com o militarismo.

Portugal é uma imensa caserna que mantém inactivos à verdadeira produção dezenas de milhares de criaturas. Os produtores, os que trabalham esses são a escória, são a rale, são os desprezados, que só tem obrigações de produzir para os outros. Protege-se o comércio e a agricultura, o que quer dizer que os protegidos podem aumentar os preços dos produtos, isto é, podem roubar impunemente, acobertados pela força pública.

Os gêneros sobem assombrosamente, havendo honrados negociantes que, duas três vezes ao dia, aumentam de preço o mesmo artigo.

E, no entanto, o sr. Granjo botou numa banquete, dizendo que para favorecer a agricultura não obstaria aos aumentos de salários dos operários.

E o que vemos? O próprio patrônio, Estado, negando-se a conceder umas migalhas aos seus operários do farto e auto banquete da mesa do organismo, tam pródigo para com os iníquos, os parasitas.

O sr. Granjo disse há dias a uma comissão de delegados da Construção Civil que não tinha dinheiro para os operários e que ia dar as obras a empreiteiros particulares. Observem-lhe a comissão que tais empreiteiros pagavam ao seu pessoal o dobro e o triplo do que pagava o Estado, não sabendo a razão porque o Estado não tinha verba para os operários, havendo-a para os empreiteiros.

De tudo isto se conclui que para os pequenos só existe a indiferença, o desprezo. Disse mesmo, insolentemente, que os operários fossem cavar e os velhos para o azil!

Isto toca as raízes do desafogo, estando os governantes embriagados com os fumos do mando. O sr. Granjo delira.

Para se aguentar no poder, para lhe ser dada a confiança de grande homem, que suporta pretensas revoluções à nascença, inventa meses de agitação, às ordens de Moscou.

Armon em D. Quixote, arremetendo não contra os moinhos, mas sim contra os operários, querendo esmagar as greves e mandando prender dezenas de operários, não sabemos mesmo por quê.

O sr. Granjo, com todas estas galatias, quer ver se aguenta no poder, quem sabe com que fim... O sr. Granjo é homem ao mar, é homem morto. Mas, mesmo assim, quer continuar no poder porque é o patrono dos exploradores que vendem azeite a 5 e 6 escudos o litro, que autoriza o carvão a vender-se a 20 centavos o quilo, o pão a 40 centavos e 1864, a carne a 3 escudos e mais, o feijão a 70 centavos, etc., etc.

O povo, em face de tais desmandos e tendo-lhe cortado o direito de protestar contra a roubaheira, reclama aumento de salário, aparecendo logo as turmas defensoras de tais incitas criaturas, oferecendo contra a malandragem que reclama aumento de salário.

Quem é o agitador? Quem fará o que?

O sr. Granjo e a matulagem da finanças, do comércio, da indústria, da agricultura, que só pensam em refastelar-se à sombra da miséria do povo.

Não pode ser. Não podemos consentir que tamanhos crimes se pratiquem impunemente. Ao nosso lado, de operários, exploradores, estão aqueles outros chamados de classe média, que, por decrto ou por covardia, não veem a praça pública, como nós, gritar em voz alta: Basta, sr. Granjo, o seu jogo está deserto. Vá-se embora quando... não teremos dúvida em continuar a dizer que o senhor é o verdadeiro o grande agitador...

Na redação do jornal tem sido recebido bastantes donativos para cobrir as despesas a fazer, assim como novos colaboradores tem manifestado a sua simpatia e um grandioso desejo de auxiliá-los, tanto no campo jornalístico como em tudo que for necessário.

## Repicadores de limas

Estão em greve os camaradas que trabalham em duas oficinas desta especialidade da indústria metalúrgica.

Os camaradas em greve reclamam 50 \$00 sobre o preço da mão de obra, tendo já conseguido a adesão de dois industriais à suas reclamações, mantendo-se a greve nas oficinas dos sr. António Joaquim Vieira e Jerónimo Coelho Pinto.

A comissão trabalha no sentido de conseguir que os restantes patrões adiem à suas reclamações.

## A prisão de Manuel Ribeiro

Um comunicado da «Bandeira Vermelha»

Reuniu ontem a grupo editor deste semanário, tendo dado conta dos seus trabalhos concernentes à próxima publicação do suplemento. Muitos camaradas tem ido àquela redacção deixar o seu protesto, e manifestar o desejo de em breve verem circular a «Bandeira» para assim vir a público o protesto contra aqueles que não respeitam a liberdade de imprensa.

Na redação do jornal tem sido recebido bastantes donativos para cobrir as despesas a fazer, assim como novos colaboradores tem manifestado a sua simpatia e um grandioso desejo de auxiliá-los, tanto no campo jornalístico como em tudo que for necessário.

## Ros operários da Construção Civil

Previnem-se os operários da construção civil para que não vão trabalhar para o Bombarra, na obra em construção da Companhia Central Vinícola de Portugal, com sede Lisboa, porque estão em litigio umas reclamações de aumento de salário, apresentadas por alguns operários da indústria que ali trabalhavam, pois, no caso contrário, far-se-á uma traição aqueles camaradas.

Essa Companhia pretende contratar operários na província, oferecendo-lhes salários muito inferiores, o que é uma verdadeira exploração.

Será bom que as associações do país levem este facto ao conhecimento dos seus associados.

## A Federação da Construção Civil

Tendo constado à Associação dos Empregados do Estado que grande parte do funcionalismo atribui a má vontade dos seus colegas das contabilidades as dificuldades que tem surgido para poderem ser feitas as folhas de processo dos vencimentos, vem pedir a todos os seus conselhos que, fazendo justiça a boa camaradagem que sempre deve existir entre os funcionários dos diversos serviços, ponderem as dificuldades de execução do decreto de 16 de Outubro corrente que criou as subvenções diferenciais, dificuldades que são, de certo, as únicas causadoras dos embargos criados e que depressa desaparecerão com as instruções que pelo governo vão ser dadas.

## Garlopa emprestada

O operário marceneiro Tomás Martins, da Rosa, 20, pediu a pessoa que foi a sua casa pedir emprestada uma garlopa, o favor de a entregar, pois que devia compreender faz-lhe muita falta.

## Vida Sindical

Não pode ser. Não podemos consentir com o nosso silêncio a infame roubaheira que se está exercendo a pretexto de comércio livre.

O operariado, sentindo a fome no seu lar, reclama aumento de salário para a solidariedade de vários organismos, para auxiliarem na passagem dos bilhetes que foram emitidos, para a rétula pró-Combate a «Batalha», que se projecta levar a efeito no próximo dia 13 de Novembro.

Lembra ainda aos camaradas desta indústria e doutras, que a direcção reina todos os terços e quintas-feiras, podendo nestes dias fazerem adesões alguns bilhetes dos poucos que restam.

O programa desta rétula, que será levado a efeito no Centro Gil Vicente, Rua da Infância, constará do drama social «Miss Noiva», um acto de caricatura e a opereta «A Pegueira».

Distribuidores de Jornais.—Reuniu ontem a comissão administrativa para elencar as reclamações de aumento salarial para tratar de responder ao presidente do conselho de administração, que é o diploma banido, sendo aprovado a seguinte proposta:

Propõe-se que seja nomeada uma comissão de cinco camaradas para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Mais proponha para que seja banido o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão, que ficou composta dos seguintes camaradas: António José Martinho, Joaquim da Costa, Rafael de Almeida, António Rodrigues dos Santos, Júnior e Daniel Pinheiro Carvalho; esta comissão poderá aprovar a seguinte proposta:

«Como é de domínio público foram decretadas medidas de melhoria para proceder à reforma do actual estatuto, visto que é contém matéria dispensável, que é de urgência ser modificado o título da nossa associação, e que a mesma comissão apresente, no mais curto prazo de tempo, a uma assembleia geral, um novo projecto de estatuto.

Os primeiros camaradas redactaram o diploma visto que só serve para os sindicatos dispersarem dinheiro inutilmente e também devido ao preço exorbitante que tem actualmente. Foi em seguida nomeada uma comissão